

UMA AVALIAÇÃO DA FRAGILIDADE FINANCEIRA EXTERNA DA ECONOMIA BRASILEIRA NO PÓS-REAL

Rodrigo Nivaldo Martins - UFSC rodrigocse@hotmail.com

RESUMO

A década de 1990 foi para a economia brasileira, um período de intensas mudanças na condução das políticas econômicas depois de um longo período de predomínio do modelo de substituição de importações. A herança deste modelo, já em meados da década de 1980, era um parque produtivo totalmente defasado, um processo inflacionário sem controle e um elevado déficit público. Como fruto da crise financeira instalada nesta década e das propostas da agenda do Consenso de *Washington*, no início dos anos 1990, e principalmente em 1994, um novo modelo de crescimento econômico se configurou com o Plano Real. A combinação da abertura econômica com a estabilização monetária inaugurou uma nova fase da economia brasileira. Nos primeiros anos de vigência do Plano Real, a política cambial privilegiou apenas a estabilização econômica e com uma taxa de câmbio extremamente apreciada e relativamente fixa, impactou significativamente o resultado do saldo comercial, agravando demasiadamente o resultado das transações correntes, e por conseqüência fragilizando financeiramente a economia brasileira. Este agravante no desequilíbrio das contas externas foi inevitavelmente financiado pelo influxo de capitais externos com perfil de curto prazo, o que deixou a economia altamente vulnerável aos choques adversos ocorridos no cenário econômico internacional. Partindo deste pressuposto, buscou-se avaliar o grau de fragilidade financeira da economia brasileira através da construção do índice de fragilidade financeira externa (*IFE*), que foi amplamente desenvolvido com base na hipótese de instabilidade financeira endógena de Minsky.

Palavras-chave: Fragilidade financeira externa; vulnerabilidade externa; instabilidade financeira endógena